

**PARA ALÉM DE OS SERTÕES: PLURALIDADE NAS ENUNCIÇÕES
EUCLIDIANAS SOBRE O CONFLITO EM CANUDOS (1897-1902)**

Lenilson Vidal de Souza¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o processo de construção discursiva sobre a Guerra de Canudos por meio de textos do escritor Euclides da Cunha, jornalista correspondente de guerra de *O Estado de São Paulo* aos sertões brasileiros. Sendo uma testemunha ocular de fatos ligados ao massacre de Canudos, a produção textual do autor (e seus diferentes enunciadore) é uma fonte fecunda, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da chamada Nova História Cultural. Isto porque, uma vez entrando em contato gradual com o sertanejo na Bahia, Euclides modifica sua percepção científica quanto ao objeto de análise mais de uma vez, amenizando paulatinamente um discurso de alteridade à medida que se sensibiliza com a miséria, martírio e a humanização do outro. Para acompanhar as nuances deste sujeito em metamorfose, propomos um estudo sobre período de implantação da República no Brasil a partir dos seguintes documentos de análise historiográfica; a saber: ensaios como *A nossa Vendeia* (1897) e o romance histórico *Os sertões* (1902).

Palavras-chave: História, literatura, análise do discurso, sertão, Euclides da Cunha.

**FAR BEYOND OS SERTÕES: THE PLURALITY IN EUCLIDES DA CUNHA'S
ENNONCIATIONS ON CANUDOS WAR (1897-1902)**

ABSTRACT

This study aims at analyzing Euclides da Cunha's discursive creation process when writing about Canudos. As a correspondent journalist for *Estado de São Paulo Newspaper*, Cunha features as an eye-witness to Canudos Massacre. Being so, I point out his mutable discourses upon this subject matter as a prolific historiographical source to Cultural New History under specific methodological procedures. As a matter of fact, I intend to focus on Cunha's gradual perspective changes upon Bahia's Backlands miserable yeomen, and how he softens his patronizing view-point as he growingly feels moved with the outcast's misery, martyrdom and sense of humanity.

¹ Professor mestre em História Social.

Thus, in order to outline shifts in Cunha's process of becoming, I propose a study set on the early moments of The Brazilian Republic, highlighting the following documents for historiographical analysis; namely: essays like *A nossa Vendeia* (1897) and the historical novel *Os sertões* (1902).

Keywords: History, literature, speech analysis, sertão, Euclides da Cunha.

INTRODUÇÃO

A crença de que apenas documentos oficiais poderiam ser utilizados pelos historiadores como fonte foi muito comum durante o século XIX e nos primeiros anos do século XX. Afinal, a sacralização da História como estudo científico possuiu rigor metodológico baseado em uma crítica documental severa, guiada por critérios de autenticidade. Segundo Fustel de Coulanges (*apud* LE GOFF, 1984, p. 535), a única habilidade do historiador consistia em tirar, dos documentos, tudo o que eles contêm e não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. Dessa forma, os anseios pela chamada neutralidade científica ofuscavam a dimensão subjetiva do historiador, do seu trabalho como agente que reelabora o passado, selecionando vestígios e construindo, a partir dos mesmos, versões compatíveis com o *status* de verdade histórica.

No entanto, a partir de 1929, com a criação da revista *Anais de História Econômica e Social* pelos franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, iniciaram-se transformações significativas no pensamento historiográfico que possibilitaram a abertura de novos caminhos para a pesquisa histórica, e conseqüentemente, uma nova noção para o conceito de fonte, transpondo, assim, parâmetros tradicionais de então. Com isso, a concepção documento-verdade sofreu uma ruptura e fez com que os historiadores se debruçassem sobre os mais variados tipos de vestígios históricos.

De acordo com Jacques Le Goff (1976, p. 46), a diversificação no uso das fontes históricas foi decorrente de o que se chamou de maior problematização do documento, ou seja, a constatação de que um texto isoladamente não constitui uma fonte por si só. Nesses termos, o que passa a ser objeto da investigação histórica não é a coisa *per se*, mas sim, as condições socioculturais em que a mesma se construiu, de modo que não interessa à História Cultural a materialidade objetual somente.

Esses novos pressupostos contribuíram para a ocorrência de um movimento da historiografia tanto em direção às questões da cultura e renovação das correntes

historiográficas, quanto aos campos de pesquisa, sendo uns dos aspectos de maior visibilidade da História Cultural atualmente. Com a ampliação do universo temático, também se tem a necessidade de se incorporarem novas fontes de acesso ao contexto social de uma época.

Nesse ínterim, torna-se fundamental destacarmos também que, desse momento em diante, os historiadores começaram a promover uma espécie de transcurso interdisciplinar para com ciências coirmãs, e que a partir daí, multiplicaram-se pesquisas históricas em consonância com a Antropologia, Economia, Geografia, Psicologia, Filosofia, Sociologia e Literatura.

Entretanto, ressalta Sandra Pesavento (2002, p. 109), a História, ao dialogar com os seus novos parceiros, não estabelece hierarquias. O que cabe registrar é a presença de um tema/objeto comum, partilhado por diferentes discursos e pontos de observação sobre o real, assim como também o lugar específico de onde é lançada a questão ou o problema a ser resolvido.

Entre as novas vertentes, a que tem recebido grande atenção é aquela que valoriza, como fonte de estudo historiográfico, a contextualização cultural e sociotemporal de diversos gêneros textuais, considerando-os como discursos produzidos e diretamente relacionados a um dado momento histórico. Assim, não apenas textos caracterizados pela 'imparcialidade', como artigos jornalísticos, seriam utilizados e reconhecidos como forma de representação sociocultural, mas também aqueles que estão ligados diretamente à subjetividade de quem os produziu, como diários pessoais e obras literárias, por exemplo.

Com os historiadores dessa linha historiográfica, os diários pessoais passaram a ser considerados documentos de grande importância para a compreensão do modo de vida e também das sensibilidades do homem de uma determinada época. Isso porque, de acordo com Sandra Pesavento (2006, p. 161), a sensibilidade está no cerne da História Cultural, que se propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens, a partir de sua história, representaram a si próprios e ao mundo a que pertencem.

Ressalta-se que essa matriz teórico-metodológica, mais aliada à Antropologia, considerou os diários tributários de diferentes situações, que envolvem cotidianos e afetividades, e evidenciou que, por meio desse material, é possível refletir sobre

experiências que ocorreram em espaços e tempos longínquos e distintos daquele em que vive o pesquisador.

Ainda segundo Sandra Pesavento (2002, p. 82), outra corrente de abordagem da História Cultural é, evidentemente, aquela que se utiliza da Literatura como fonte. Nesse sentido, devemos compreender que o texto literário permite-nos não somente sintonizarmos com a ambiência cultural de uma época, e o modo como as pessoas pensavam o mundo naquele período, mas também nos inteirarmos com os valores que norteavam os passos de tal sociedade, incluindo, até mesmo, ‘medos’ e preconceitos que regiam as relações entre os indivíduos naquele contexto.

O historiador, ao se debruçar sobre esse tipo de texto, não se preocupa apenas com o tempo da narrativa, mas principalmente com o da escrita, pois ela lhe permite identificar os motivos que levaram o autor a escolher um determinado tema e a se posicionar frente ao mesmo. Em síntese, verificamos que a historiografia, ao se direcionar às questões da cultura, bem como suas múltiplas interconexões e significados situacionais, pôs, em cheque, a hierarquização das fontes históricas de outrora.

Partindo, então, do pressuposto que o historiador, de acordo com novas concepções, também pode se valer de fontes antes consideradas ordinárias, como diários pessoais e obras literárias, para problematizar o contexto autoral, este trabalho tem como objetivo de pesquisa analisar diferentes discursos contidos em três produções textuais de Euclides da Cunha acerca da Guerra de Canudos e do homem sertanejo, em sua trajetória até os sertões da Bahia durante a Primeira República.

O trajeto da visão euclidiana acerca do conflito em Canudos apresenta diferentes etapas. A primeira está relacionada aos artigos intitulados de *A nossa Vendeia*, escritos, antes de qualquer contato com o arraial canudense, para o jornal *O Estado de São Paulo*, e publicado entre os meses de março e julho de 1897. A segunda evidencia o processo de mudanças na perspectiva de Euclides da Cunha já no sertão, registrado no *Diário de expedição* (cujas anotações estão datadas entre agosto e outubro de 1897). E a última etapa encontra-se na publicação do livro *Os sertões* (1902), que ilustra episódios da chacina de Canudos, exatamente cinco após os acontecimentos.

Posto que o trabalho tem como objetivo evidenciar a gradual mudança de perspectivas de Euclides da Cunha, utilizamos como arcabouço teórico-metodológico,

para tanto, a Análise do Discurso de base francesa, sob a ótica de Dominique Maingueneau (1997) e Eni Puccinelli Orlandi (2001). Isso porque tais analistas do discurso entendem que o texto extrapola a narrativa, visto que a mesma, se isolada de um contexto cultural, não constitui significado. O procedimento metodológico para a aplicação da Análise do Discurso a esta pesquisa apresenta dois momentos distintos: o primeiro possui caráter descritivo e visa a apresentar o *corpus* a ser analisado, dentro de um recorte específico. O segundo dedica-se a problematizar os posicionamentos ideológicos de Euclides da Cunha, a partir dos quais pretendemos identificar os locais de fala do enunciador.

A formação intelectual e política de Euclides da Cunha

Na introdução deste artigo, explicitamos que pretendemos analisar diferentes discursos de Euclides da Cunha, contidos em três produções textuais, como forma de evidenciar em que medida ocorreram mudanças de perspectivas por parte do escritor frente ao conflito em Canudos e ao homem sertanejo aqui retratado. No entanto, para que tal objetivo seja alcançado, é necessário que façamos, neste primeiro capítulo, uma abordagem que diz respeito à formação intelectual e política do referido autor.

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866, no distrito de Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo, município da então província do Rio de Janeiro. Seu pai, Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, trabalhava como guarda-livros nas fazendas do vale do Paraíba e demonstrava talentos literários; tanto que escreveu muitos poemas, dentre os quais se destaca um em homenagem a Castro Alves. Sua mãe, Eudóxia Moreira da Cunha, era a filha mais nova de um casal proprietário de terras, e apresentava, desde cedo, uma saúde fragilizada.

No ano de 1869, a mãe de Euclides faleceu, vítima de tuberculose. A partir daí, lançado num turbilhão de mudanças inesperadas, o menino foi obrigado a viver com parentes devido às dificuldades financeiras enfrentadas pelo pai. Em 1877, Euclides foi para a Bahia morar na casa da avó, permanecendo lá até 1878. Quando retorna ao Rio de Janeiro, estuda em diversas escolas, até ingressar no Colégio Aquino no ano de 1883. O colégio era considerado uma das instituições de ensino mais conceituadas da época. Além disso, ele dispunha dos mais renomados professores da cidade. Lá estudou por dois anos e teve aulas de Matemática com

Benjamim Constant, responsável por lhe apresentar o Positivismo e os ideais do movimento republicano.

O Rio de Janeiro, durante este período, apresentava um contexto um tanto conturbado, com a campanha abolicionista em marcha, e o movimento republicano ganhando força e adesão de mais simpatizantes. Havia muitos conflitos, resultando em prisões e um número grande de feridos. Enquanto jovem estudante, Euclides da Cunha costumava ler obras de diferentes culturas, apreciava poetas como Castro Alves e escreveria para o jornal do Colégio Aquino, *O Democrata*, aquele que seria o seu primeiro texto jornalístico.

Os biógrafos salientam que o senso de humanidade de Euclides da Cunha se manifesta, nesse período, também por meio da escrita de vários poemas. Os poetas românticos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Álvarez de Azevedo, Alphonse de Lamartine e Alfred Musset eram suas referências. No ano de 1883, ele escreveu um poema denominado *Tristeza*, título bem sugestivo, uma vez que seus versos aludiam a lirismo, melancolia e desilusão. É desta época uma coletânea de sonetos de sua autoria que exteriorizavam todas as idealizações políticas de sua juventude e que permanecerão no homem adulto.

Da literatura francesa, Euclides da Cunha apreciava os textos de Victor Hugo e de Jules Michelet. Os romances históricos de Victor Hugo, principalmente aqueles ambientados na França revolucionária, enchiam os jovens da época de imaginação e de esperanças, além de serem modelos para a vida pessoal e também profissional do próprio Euclides. Entre as obras lidas pelo futuro autor de *Os sertões*, destaca-se o romance histórico *Noventa e três*, cujo enredo retrata a violenta repressão ao movimento empreendido por camponeses, ocorrido em 1793, na região rural francesa denominada Vendeia.

Já a obra *História da Revolução Francesa*, escrita por Jules Michelet entre os anos de 1846 e 1853, por seu caráter polêmico e imaginativo, alimentava as chamadas do fogo revolucionário e as utopias de muitos brasileiros. A obra é considerada a principal produção intelectual de Jules Michelet, além de atestar que ele mesmo foi um dos primeiros historiadores a se interessar por temas da vida cotidiana, até então considerados de pouca relevância, impróprios de serem narrados, uma vez que apenas os grandes fatos históricos e as personagens ilustres deveriam ser registrados.

Dessa forma, as leituras realizadas por Euclides da Cunha, iniciadas ainda no período de juventude, foram fundamentais não apenas para a assimilação das teorias e ideias com as quais se identificou, mas também para que o futuro jornalista e autor literário tivesse uma postura marcadamente reflexiva diante dos acontecimentos, de modo a buscar sempre ir além, como forma de suprir dúvidas e até mesmo reavaliar posicionamentos frente a um fato.

Euclides e sua trajetória aos sertões da Bahia

Em São Paulo, no início do ano de 1897, quando Euclides da Cunha levava uma rotina normal entre os trabalhos na Superintendência de obras do Estado, leituras de romances franceses em seu quarto de hotel, e o ofício de redator do jornal *O Estado de São Paulo*, passaram a chegar notícias do Sertão Baiano que indicavam a derrota de expedições militares, enviadas pelo governo republicano para conter uma rebelião sertaneja que, segundo informações vindas da localidade dos conflitos, tinha a intenção de restaurar a monarquia.

E foi em meio a esse contexto, que o então redator de *O Estado de São Paulo*, Euclides da Cunha, tomou conhecimento ‘prévio’ dos fatos, e envolveu-se diretamente com o assunto, escrevendo dois artigos, ambos sob o título de *A nossa Vendeia*, publicados no ano de 1897, sendo o primeiro datado no dia 14 de março e o segundo, no dia 17 de julho.

Desde o momento em que Euclides da Cunha recebeu as primeiras informações da ‘rebelião’ liderada por Antônio Conselheiro, as suas leituras sobre o imaginário revolucionário francês e sua predileção pelos romances do escritor francês Victor Hugo se fizeram notórias, principalmente no que diz respeito à obra *Noventa e três*, cuja narrativa é construída tendo por base o conflito de caráter popular-camponês ocorrido na Vendeia, região (então) interiorana, ao oeste da França, entre os anos de 1793 e 1796. Assim, o título dos dois artigos, veiculados no decorrer dos meses de 1897, nas folhas de *O Estado de São Paulo*, deve-se a uma alusão, feita por Euclides da Cunha, ao movimento antirrepublicano.

Logo no início desse primeiro artigo, Euclides descreve os aspectos geológicos da região, o solo arenoso e estéril, revestido, sobretudo, nos períodos de seca, de vegetação escassa e deprimida, aos acontecimentos que se desenrolariam no interior

da Bahia. Sublinha, assim, dados geográficos e climáticos como forma de frisar que “talvez mais do que a horda dos fanatizados seguazes de Antonio Conselheiro, o mais sério dos inimigos das forças republicanas, seriam as condições naturais daquele local. Entretanto, é praticamente no final do artigo que comentará de maneira mais incisiva o episódio, sempre relacionando solo, homem e fanatismo com o regime monárquico recém-decaído.

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendaia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império. (CUNHA, 2006, p. 124)

Em outra passagem do mesmo texto, Euclides da Cunha estabelece relações entre os acontecimentos no interior baiano e a revolta camponesa na região francesa da Vendaia, como forma de criar uma conexão histórica analógica:

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O chouan fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam o pulso [no massacre da Vendaia], patenteia o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados [encontrados no Sertão Baiano]. (CUNHA, 2006, p. 124)

No texto, Euclides da Cunha une seu pensamento positivista a convicções republicanas, insinuando que a própria natureza se incumbiria de eliminar os fracos, abrindo portas para a República no Brasil, tal como ocorrera na França. Ao fazê-lo, ele detalha as condições geológicas e climáticas que influenciam aqueles rudes homens, revelando uma preocupação com a descoberta de conhecimentos sobre os nativos ainda não obtidos. Conhecimentos estes fundamentais para a compreensão de o que genuinamente se passa no extremo norte da Bahia.

O jornal *O Estado de São Paulo* veiculou em suas páginas o segundo artigo intitulado de *A nossa Vendaia* no dia 17 de julho de 1897, e no intervalo entre as duas publicações ocorreram sérios agravos que atribularam o desenrolar da campanha militar nos sertões da Bahia, como falta de suprimentos e remédios, doenças, baixas vultosas, e, principalmente, a dificuldade de se organizarem táticas de guerra eficientes para a derrota do suposto inimigo.

No mesmo texto, Euclides também cita exemplos de notáveis batalhas históricas vivenciadas por exércitos fervorosos, quando em combate por causas nobres em meios desconhecidos. Na segunda veiculação de *A nossa Vendeia*, o escritor aponta o sertanejo baiano como o inimigo, denominando-o de 'jagunço traiçoeiro e ousado'; alguém que, possuindo vestimentas adequadas e vasto conhecimento da região em que nascera.

Logo após a repercussão da segunda parte do artigo *A nossa Vendeia*, Euclides da Cunha recebeu um convite de o então diretor de *O Estado de São Paulo*, Júlio de Mesquita. A proposta seria levar Euclides ir ao Sertão Baiano, afim de que o mesmo observasse, *in loco*, os acontecimentos, e pudesse contá-los para os leitores através de regulares correspondências transmitidas por telégrafo. No início de agosto de 1897, após um período de leituras e estudos mais pormenorizados, o jornalista embarca no navio Espírito Santo, e parte do Rio de Janeiro rumo à Bahia como um dos membros da comitiva do Ministro de Guerra. E assim, nasce, logo em seguida, *Canudos, diário de uma expedição*.

O primeiro relato foi escrito a bordo do navio que o transportou do Rio de Janeiro até a Bahia, tendo já em vista a cidade de Salvador. Até aí, ainda encontrando-se na cidade, a opinião formada acerca da luta corrobora o discurso elaborado pelo enunciador euclidiano em *A nossa Vendeia*, segundo o qual Canudos era um levante que tinha por objetivo restaurar o regime monárquico. Além disso, o jornalista descreve a presença de uma moderna peça de artilharia a bordo.

O *Espírito Santo* cinde vagorosamente as ondas e novos quadros aparecem. O Forte do Mar – velha testemunha histórica de extraordinários feitos – surge à direita, bruscamente, das águas, imponente (...). Corro os olhos pelo vapor. Na proa, os soldados que trazemos acumulam-se, saudando entusiastas, os companheiros de São Paulo, vindos ontem, enchendo literalmente o *Itupeva*, já ancorado. A um lado, alevanta-se firmemente ligado ao reparo sólido, um sinistro companheiro de viagem – o morteiro Canet, um belo espécime de artilharia moderna. (CUNHA, 2006, p. 30)

Aqui percebemos ainda características do primeiro enunciador euclidiano, exprimindo a certeza de que apoia lutadores em prol de uma causa legítima e justa:

Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam. (...) Que a nossa Vendeia embuce num largo

manto tenebroso de nuvens, avultando além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta. Rompê-lo-á, breve, a fulguração da metralha, de envolta num cintilar vivíssimo de espadas... A República é imortal. (CUNHA, 2006, p. 32)

Na capital baiana, em um primeiro momento, como já dito, os textos apresentam um tom entusiasta, onde se narram cenas de verdadeiro heroísmo dos soldados que regressam da luta. Entretanto, nos relatos subsequentes, quando Euclides começa a situar-se no ambiente da guerra e, ainda que qualifique a luta como decidida e vislumbre a iminente vitória das forças republicanas, começa a demonstrar-se inquieto ante as cenas de barbárie, com afluxos ininterruptos de feridos e mutilados, fazendo surgir outro enunciador euclidiano que aponta para uma segunda persona ou subjetividade do escritor. No discurso deste segundo enunciador, verificam-se as primeiras preocupações com as possíveis origens da insurreição sertaneja e com as consequências daquele episódio.

Finalmente, no oitavo relato, datado de 27 de agosto, Euclides da Cunha encontra-se face a face com um jagunço adolescente. Tratava-se de um menino de aproximadamente 14 anos por nome de Agostinho, aprisionado pelos soldados.

O coronel Carlos Telles trouxe de Belo Monte um assustado adolescente. Chama-se Agostinho – 14 anos (...) fragilimo e ágil; olhos pardos, sem brilho: cabeça chata e fronte deprimida; lábios finos, incolores, (...) Responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas. Descreveu nitidamente as figuras preponderantes que rodeiam o Conselheiro e, tanto quanto o pode perceber a sua inteligência infantil, a vida em Canudos. (CUNHA, 2006, p. 47)

Ao depoimento do pequeno sertanejo, o segundo enunciador euclidiano ressalta alguns traços que começam a relativizar a desumanidade dos 'inimigos da República' e a mostrar que eles possuíam uma vida comum, até mesmo virtuosa, segundo a descrição do mesmo enunciador. Neste contexto, são relatadas práticas religiosas de pessoas apegadas à fé de maneira bastante ortodoxa. Tanto que o segundo enunciador euclidiano registra detalhes tais como a proibição de bebidas alcoólicas, a presença quinzenal do vigário para batizar e fazer casamentos, a prática do trabalho cooperativo, e até mesmo o asseio pessoal do líder dos rebeldes, informações estas que relativizam a imagem preconceituosa que o primeiro enunciador euclidiano imprimira sobre os supostos revoltosos em *A nossa Vendéia*:

Quanto a Antônio Conselheiro, ao invés da sordidez imaginada, dá o exemplo de notável asseio nas vestes e no corpo. Ao invés de um rosto esquelético agravado no aspecto repugnante por uma cabeleira mal tratada onde fervilham vermes — emolduram-lhe a face magra e macerada longa barba branca, longos cabelos caídos sobre os ombros, corredios e cuidados. (CUNHA, 2006, p. 54)

Em seu penúltimo relato *in loco*, ao percorrer as casas de Canudos, já agora sob o domínio das tropas legais, o segundo enunciador euclidiano evidencia sentimentos de abalo frente à miséria indescritível da qual tomara conhecimento. Afinal, o escritor passa a testemunhar a pobreza e privação de uma gente sofrida, lutando contra adversidades não só do calor e clima árido, mas também contra invasores forasteiros enviados pelo governo republicano.

O interior das casas assusta... Compreende-se que haja povos vivendo ainda, felizes e rudes, nas anfratuosidades fundas das rochas; que o caraíba, ferocíssimo e aventureiro se agasalhe bem nas tubanas de paredes feitas de sebes entrelaçadas de trepadeiras agrestes e tatos de folhas de palmeiras ou os caucásios nas suas burcas cobertas de couro — mas não se compreende a vida dentro dessas furnas escuras e sem ar, tendo como única abertura, às vezes, a porta estreita da entrada e cobertas por um teto massivo e impenetrável de argila sobre folhas de icó. (CUNHA, 2006, p. 104)

O segundo enunciador euclidiano termina o seu diário de forma abrupta. Nenhuma palavra foi dita sobre as barbaridades presenciadas no final da guerra, nem sobre a degola sistemática dos adversários aprisionados, nem sobre a pretensa ligação do levante com uma conspiração monarquista. Assim, termina-se o relato do segundo enunciador, sendo seguido por uma terceira enunciação presente em *Os sertões*.

A construção de *Os Sertões* e o despontar de uma visão crítica

Somente em 1902, cinco anos após os ocorridos no sul da Bahia, Euclides volta a tratar dos embates ao lançar um livro. *Os sertões* acolhe, em suas páginas, uma variedade de material informativo: depoimentos, casos ouvidos, documentos oficiais e científicos, cartas, telegramas, noticiário jornalístico e, juntamente a isso, um tom plástico, ficcional, que permite a obra ser classificada como um romance histórico. Tudo isso é relatado por meio de um estilo imponente, uma linguagem extremamente

formal, perpassada por termos técnicos advindos do cientificismo, e distribuídos numa organização estrutural peculiar: “A terra”, “O homem”, “A Luta” – que caminha de uma descrição que aspira a objetividade científica, sem excluir passagens de grande plasticidade e lirismo poético, para um episódio narrativo em que intervém a História, como afirma Freyre (1966, p. 148).

Na primeira parte, *A Terra*, ao mergulhar na caatinga, o terceiro enunciador euclidiano enfatiza a dificuldade da travessia das veredas sertanejas, e detecta que o flagelo da seca, além de aumentar ainda mais o martírio do sertanejo e constituir o seu terror máximo, contribui para ampliar o misticismo da gente local. Em seguida, o terceiro enunciador, exasperado com o desprezo e a indiferença do Governo frente à seca veemente que atingia não só a terra, mas, sobretudo, consumia o homem sertanejo, levanta hipóteses sobre a gênese das secas, propondo, inclusive, soluções.

Na segunda parte de *Os Sertões*, *O Homem*, o terceiro enunciador euclidiano, como era comum naquele momento histórico, associa o desenvolvimento de determinadas habilidades físicas ao meio geográfico, sendo o clima e o relevo elementos determinantes na formação dos habitantes de uma região específica, como já dito. Para evidenciar essa composição heterogênea, Euclides da Cunha destacou duas sub-raças, mulata e sertaneja, cujas características peculiares foram contrapostas e diretamente vinculadas ao meio ambiente na qual foram forjadas; respectivamente, uma no litoral e outra no sertão. O autor tratou, primeiramente, do mulato, e salientou que, embora a mistura entre branco e negro já acontecesse em Portugal, no Brasil, ela ganhou uma dimensão irreversível. O segundo tipo evidenciado foi o sertanejo, cuja origem remontava aos desbravadores bandeirantes oriundos de São Paulo e sua mistura com os indígenas. A respeito de o que pensa o terceiro enunciador euclidiano sobre o sertanejo, acrescenta Clóvis Moura (1987, p. 26):

Em *O Homem*, o sertanejo é apresentado sob três espectros: o jagunço, o vaqueiro e o gaúcho. Os três são vigorosos, mas o jagunço se sobressai porque é mais tenaz e mais resistente. Nas palavras de Cunha, os sertanejos eram retrógrados, mas não degenerados como os habitantes do litoral. O isolamento fez com que tivessem hábitos próprios e grande apego às tradições, com destaque para o sentimento religioso levado até o fanatismo. O sertão era, portanto, um lugar propício para que uma figura como Antônio Conselheiro encontrasse interlocutores.

Dentro dessa ótica, o sertanejo, cuja sobrevivência estava vinculada à terra, tinha a vida marcada por credices e superstições. Distante da civilização e de sua modernidade secularizada, essa situação de vulnerabilidade tornava-o propenso a buscar auxílio no sobrenatural. Daí, estar sempre pronto a seguir uma figura messiânica como Antônio Conselheiro, cuja tranquilidade, altitude e resignação soberana de apóstolo antigo, conseguiu cativar, paulatinamente, o terceiro enunciador euclidiano.

O terceiro enunciador relata, na terceira e última parte de *Os Sertões*, A Luta, o primeiro embate entre os liderados pelo Conselheiro e homens enviados pelo Governo. Tal embate se deu em 25 de junho, e após consideráveis perdas, os soldados chegaram a Canudos. No entanto, durante os primeiros meses, as tropas conseguiram poucos resultados, uma vez que os sertanejos estavam fortemente munidos com armas abandonadas pelas expedições anteriores, visto que o exército não tinha, naquele local, a infraestrutura necessária para alimentar as tropas que passavam fome e sede.

Devido a isso, em agosto de 1897, o próprio ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado de Bittencourt, seguiu para o sertão baiano e se instalou em Monte Santo, com o intuito de colocar um fim ao caos em que se encontrava o abastecimento das tropas. Assim, relata o terceiro enunciador euclidiano que Monte Santo se torna base das operações, sendo que mulheres e crianças, seguidoras de Antônio Conselheiro, foram presas durante os últimos dias da guerra. Em setembro de 1897, após várias batalhas, a tropa conseguiu fechar o cerco sobre o arraial. Antônio Conselheiro morreu em 22 de setembro, supostamente em decorrência de uma disenteria. Após receber promessas de que a República lhes garantiria a vida, uma parte da população sobrevivente se rendeu, asteando bandeira branca, enquanto um último reduto resistia na praça central do povoado. Conforme narra o mesmo enunciador euclidiano, apesar dessas promessas e garantias, todos os homens presos, e também grupos de mulheres e crianças acabaram sendo degolados – uma execução sumária que se apelidou de ‘gravata vermelha’. O arraial resistiu até 5 de outubro de 1897, quando morreram os quatro derradeiros defensores. O cadáver de Antônio Conselheiro foi exumado e sua cabeça decepada a faca. Então, o terceiro enunciador euclidiano encerra sua narrativa assim:

A luta, que viera perdendo dia a dia o caráter militar, degenerou, ao cabo, inteiramente. Foram-se os últimos traços de um formalismo inútil: deliberações de comando, movimentos combinados, distribuições de forças, os mesmos toques de cornetas, e por fim a própria hierarquia, já materialmente extinta num exército sem distintivos e sem fardas. (CUNHA, 2002, p. 596)

CONCLUSÃO

Conforme pudemos observar, Euclides da Cunha foi para o sertão baiano com certas convicções políticas, científicas e filosóficas, certo de que seu papel ‘intelectual’, semelhante ao de um missionário’, diferir-se-ia do comportamento e um povo bárbaro e atrasado, alheio à civilização no litoral do sudeste. Entretanto, no final da trajetória, quando se chega o estágio de escritura de *Os sertões*, percebemos a subversão de alguns de seus pressupostos, sendo estes reflexos de pensamentos de grande parte da nação.

Canudos, para o primeiro enunciador euclidiano equipara-se à Vendaia; o ‘bárbaro’ sertanejo ao fanático miserável, manipulado por forças ligadas ao regime monárquico; sendo este um bruto a ser detido pelo homem do litoral ‘civilizado’ via ação militar. Afinal, a República, o regime idealizado, deveria ser preservada a qualquer preço, sendo capaz de conduzir o Brasil a um crescimento comparável ao de grandes potências da época.

Em o *Diário de uma viagem*, o enunciador torna-se mais ameno com o outro aos poucos, até destacara a bravura indômita de um povo que, mesmo pobre e desprovido de conhecimento intelectual, lutava com ardor contra tropas do governo com afincos e perseverança. Em *Os sertões*, o terceiro enunciador contradiz pressupostos, reavaliando e relativizando certas verdades declaradas pelos enunciadores anteriores e até mesmo anulando certas afirmativas prévias.

No romance, por exemplo, há tanto a condenação de duas barbáries opostas, o misticismo retardatário quanto crítica a uma modernidade ‘cega’, guiada por políticos apoiados grandes líderes militares incompetentes, insuflados de rigor e preconceito, e firmes no propósito de fortalecer o sistema, a ponto de enviarem para a guerra, sem o mínimo de bom senso, milhares de pessoas que olhavam para uma pequena comunidade interiorana como uma grande ameaça à República de então. Vimos também que o terceiro enunciador assinalou, também, diversos equívocos que levaram os republicanos a enganarem a si mesmos e a toda a nação quanto à

natureza e valores dos pobres habitantes Canudos. Na tentativa de se mostrar imparcial, o terceiro enunciador confrontou não somente o fanatismo de militares que gritavam ‘Viva a República!’, mas também o messianismo dos revoltosos, denunciando os massacres cometidos pelas forças militares naqueles confins.

Também falamos sobre o fato de Euclides de Cunha possuir convicções científicas, ligadas à ‘raça’, à ‘etnia’ e à ‘civilização’ e que a força e perspicácia do homem sertanejo surpreendeu o escritor. Percebemos que, ao longo da construção discursiva que permeia os três enunciadores, o aparato científico que possuía foi sendo adaptado mediante sucessivos confrontos com realidades incompatíveis às teorias que o norteavam. Daí a obsessão por respostas a suas dúvidas, a partir do contato direto com o ‘outro’. Em outros termos, “o trato direto com as condições sociais do sertão, inclinou-o a superar o mero formalismo científico e o mero formalismo da nossa Primeira República” (BOSI, 1994, p. 124).

O terceiro euclidiano, assim, defendeu o homem sertanejo, apesar de reprovar-lhe as superstições, porque viu nele um modelo de virtude e solidariedade; um “perfeito consórcio entre o homem e a terra no Brasil, que nos livraria das falácias do cosmopolitismo tão acentuado pela imigração e pelas exigências de uma cultura de empréstimo” (SEVCENKO, 1989, p. 139). Era o sertanejo que, afeiçoado a um trato cotidiano e secular com a terra, conhecia-lhe os segredos, as riquezas e as carências. Logo, se era neste sertanejo que estariam os sedimentos básicos da nação, valeria a pena considerá-lo forte biologicamente e capaz de alcançar, um dia, a civilização, mesmo à revelia de princípios antropológicos da época. Por fim, o terceiro enunciador euclidiano chega a concluir que o sertanejo consistiria a própria síntese histórica da população brasileira: “o cerne da nossa nacionalidade, a rocha viva da nossa raça” (CUNHA, 2002. p. 141).

As conclusões, a que chega o terceiro enunciador, faz com que o autor apresente um discurso diferente daqueles evidenciados pelos dois primeiros enunciadores, presentes no artigo *A nossa vendeia*, e nos relatos do *Diário de expedição*. Em *Os sertões*, Euclides da Cunha, através de vastos conhecimentos históricos, científicos, geológicos e geográficos, atingiu algumas das causas da problemática social do sertanejo, e também aquelas que desencadearam a Guerra de Canudos, indo contra muitos dos seus pressupostos anteriores, e adaptando certas teorias à sua nova perspectiva frente o sertanejo, ainda que hoje sejam

discutíveis e ultrapassadas. E assim, *Os sertões* constituiu um livro, como o próprio Euclides da Cunha afirmou, não de ataque, mas de defesa àquilo que julgou certo e digno. Nessa defesa, como vimos, o autor, muitas vezes, foi avesso às posições políticas de sua época, e como um sujeito em transformação, pôde assumir três diferentes perspectivas sobre um mesmo fato histórico: a Guerra de Canudos.

Assim encerramos este estudo sobre a pluralidade enunciativa em obras de Euclides da Cunha concernentes ao homem do sertão baiano, enfatizando a questão da transformação e crescimento pessoais do autor, a necessidade de se repensar a figura do homem miserável interiorano e advogá-lo justamente, reconhecendo-lhe suas fraquezas e deficiências intelectuais. Estas obras de Euclides da Cunha inspiram-nos a repensar quem somos e como construímos nossas verdades. Mesmo que ele não tenha almejado criar uma pluralidade em seu discurso, o autor permite-nos considerar que o intelectual deve rever seus conceitos incessantemente, de modo a trazer novo viço não só para seu objeto de pesquisa, mas principalmente à vida pessoal e de aqueles que o admiram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Angela Mendes de. *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. São Paulo: Mauad, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. Sobre a feitura da micro-história. *Revista do Mestrado em História, Vassouras*, v. 6, 2004.

BASTOS, José Augusto Barreto. *Incompreensível e bárbaro inimigo: a guerra simbólica contra Canudos*. Salvador: EDUFBA, 1995.

BERNUCCI, Leopoldo; HARDMAN, Francisco Foot (orgs.). *Poesia Reunida / Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *O Pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Trad. Fulvia M.L. Moretto et al. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.

CITELLI, Adilson. *Roteiro de Leitura: os sertões de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

COULANGES, Fustel de, apud LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero de. (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Bernardo Leitão. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

COUTINHO, Afrânio (org.). *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Aguillar, 1966.

CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. *Obra completa: em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

_____. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Ed. Globo, 2000.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Leituras e formas da história no modernismo brasileiro. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FILHO, Francisco Venâncio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949.

FREYRE, Gilberto. *Revisão de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

GALOTTI, Oswaldo; GALVÃO, Walnice Nogueira (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. *Gatos de outro saco: ensaios críticos*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

_____. *No Calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides da Cunha. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 26, abr. 1996.

HOHLFELD, Antonio. *Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

KNUPPEL, Maria Aparecida Crissi. *História da leitura: do prólogo à inspiração*. São Paulo: UNICAMP, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

_____. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Documento/Monumento. ROMANO, Ruggiero de. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984, p. 535. v. 1.

LIMA, Luiz Costa. *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto/NUSEG, 2000.

_____. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Ucam, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Traduzido por Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. *O rei dos jagunços e a historiografia de Canudos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Jornal do Commercio, 1997.

MOISÉS, Massaud. *Literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOREIRA, Raimundo Nonato. *A nossa Vendeia: o imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os sertões*. 2007. 351 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

MOURA, Clóvis. *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1987.

NASCIMENTO, José Leonardo do. *Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

_____. Na contramão da vida: razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus. In: PARENTE, Temis Gomes. (Org.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo, 2006.

PIMENTEL, Telmo de Maia. A épica, a tragédia e a ironia em Os sertões. *Revista Eletrônica da Univar*, Mato Grosso, v. 2, n. 6, 2001.

ROSSO, Mauro. *Escritos de Euclides da Cunha: política, ecopolítica, etnopolítica*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAIS, Fernando. *A História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. *América: história e ficção*. Rio de Janeiro: Eduff, 2006.

VENTURA, Roberto. *A Narração do mundo: ensaios sobre ficção e história*. 1999. 190 f. Tese (Livre Docência em Teoria Literária) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Euclides da Cunha e a República. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 275-291, jan. abr. 1996.

_____. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

ZILLY, Berthold. Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. *Estudos, Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, n° 12, p. 5-55, abr. 1999.